Crítica Social e Política através do Humor em "Uma História de Rabos Presos" de Ruth Rocha[1]

Irla Paula Moraes Torres[2]

Raquel Aparecida Dal Cortivo[3]

Resumo: O riso foi dado ao ser humano como sensibilidade por algo que pode ser considerado ridículo ou extraordinário. Com isso surge o humor, o cômico que visa sempre um alvo, algo que se deseja atingir e caracteriza as obras satíricas na literatura. Na medida em que se desenvolve a leitura de *Uma história de rabos presos* de Ruth Rocha, o humor satírico é bastante recorrente também na estrutura da narrativa e determina assim certas escolhas estilísticas da autora na articulação dos aspectos pedagógico e lúdico. Além do humor são analisados os elementos estruturantes e a linguagem. Como fonte teórica, a análise sobre o humor pautou-se, principalmente, nos autores Novaes Coelho (1993), Abbagnano (2007), José Nicolau Gregorin (2009), Massaud Moisés (2004), além de outras pesquisas para conceituar a palavra humor. O humor na obra se configura como sátira política e social e atua na formação do indivíduo, a criança, uma vez que proporciona a compreensão dos fatos ocorridos na sociedade e a importância da coletividade na construção de uma sociedade mais justa, articulando, dessa forma, o lúdico e o pedagógico inerentes à literatura infanto-juvenil.

Palavras-chave: Humor, Crítica social, Literatura Infantil, Ruth Rocha.

Abstract: The laugh was given to human being as a sensibility for something that could be considered ridiculous or extraordinary. Humor came after it as well as the comic that always has a target, something that someone is willing to reach and characterize the satiric works in literature. As *Uma história de rabos presos* by Ruth Rocha starts to be read, the satirical humor is very recurrent, even in the structure of the narrative and thus determines certain stylistic choices of the author in the articulation of the ludic and pedagogical aspects. Besides humor, language and structural elements are also analyzed. As a theoretical source, the analysis over humor is based mainly on authors like Novaes Coelho (1993), Abbagnano (2007), José Nicolau Gregorin (2009), Massaud Moisés (2004), besides of other research sources to conceptualize the word humor. The humor in the work can be construed as political satire and social acts in the formation of the individual, the child, since it provides an understanding of what occurred in society and the importance of community in building a fairer society, articulating, thus the recreational and educational inherent in Children literature.

Key-words: Humor, Social criticism, Children literature, Ruth Rocha.

---

[1] Artigo desenvolvido como requisito parcial e obrigatório para obtenção do grau de Licenciado em Letras, a ser defendido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob a coordenação da professora Elis Regina, do Curso de Letras do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da Universidade Federal do Amazonas.

[2] Acadêmica finalista do curso de Letras: Línguas e Literatura Portuguesa e Língua Literatura Inglesa, do IEAA/ UFAM.

[3] Professora Orientadora.

1. Introdução

Nos meados dos séculos XIX e XX a Literatura Infantil começa a dar seus primeiros passos rumo ao progresso e a inovação. Também ocorrem mudanças sociais e econômicas que dão à criança *status* de indivíduo na sociedade. Nesse período, "Certas obras que foram famosas como literaturas para adultos, com o tempo e através de um misterioso processo de adaptação, acabaram se transformando em entretenimento para crianças." (NOVAES COELHO, 1993, p.35).

Dentre as transformações sociais ocorridas, a criança passou a ser concebida como um ser educável, que está em formação. Com a ascensão de uma nova classe chamada burguesia, a educação escolar é reorganizada e com ela a Literatura Infantil começa a prosperar, atendendo à necessidade de informar e formar o novo indivíduo social: a criança.

No Brasil, as primeiras obras voltadas ao público infantil eram adaptações de obras destinadas aos adultos e tinham finalidade escolar. A percepção de Monteiro Lobato desse artificialismo das obras infantis leva o autor a inserir nos textos literários artifícios lúdicos através da fusão do real e do maravilhoso.

Entre algumas adaptações nos textos literários surgiu uma das formas mais irreverentes para abraçar o leitor/criança: o riso, o humor. Ao invés da exemplaridade, do sentimentalismo presentes nas narrativas tradicionais, predominava agora o humor, o satírico. A partir daí a criança poderia ler e entender não só a moral da história como também aprender de uma forma mais divertida.

Com isso autores seguidores de Monteiro Lobato passaram a escrever não só no sentido de transmitir a moral, o exemplo, mas de expor junto à criança sua indignação fazendo com que a criança desenvolvesse sua própria opinião a respeito da sociedade.

Essa percepção nos conduz ao objetivo de analisar, através do enredo, o humor satírico em *Uma história de rabos presos* de Ruth Rocha. Autora responsável por inúmeras obras direcionadas ao público infantil que também encantam e divertem o público adulto, obras estas dotadas de ironia, indignação e principalmente humor. Para Marisa Lajolo, "há duas inovações trazidas por sua obra, desde os primeiros livros publicados: o uso do humor e o trabalho com a linguagem." (In. ROCHA, 2003, p.32).

Nesse sentido, analisar-se-ão os aspectos recorrentes que atuam na criação do efeito humorístico do texto tais como a ironia, a representação da coletividade e a

linguagem que apresenta termos populares significativos para a narrativa, uma vez que promovem a comunicação imediata com o leitor. *Uma história de rabos presos* traz não só o real, mas também o imaginário, ou seja, essa fusão origina-se do realismo-maravilhoso, pois é partir dessa junção que se estabelece o foco de entendimento e diversão para a criança ou para o adulto.

O trabalho de análise será embasado em autores como: Abbagnano (2007), José Nicolau Gregorin (2009), Novaes Coelho (1993), Massaud Moisés (2004) entre outros que irão nortear o estudo sobre o riso e o humor fundidos nesta obra infantil.

1. Ruth Rocha: vida e obra

A escritora Ruth Rocha nasceu em São Paulo em 1931, é socióloga e atuou na área da educação, como orientadora educacional. Além disso, escreveu em Revistas de grande circulação como **Cláudia** (voltada para o público feminino) e **Educação**.

Influenciada pelo escritor Monteiro Lobato, iniciou a carreira de escritora em 1976, com o livro, **Palavras Muitas Palavras**. Porém, sua obra mais famosa é **Marcelo, Marmelo Martelo**, com tradução para diversas línguas, vendeu mais de 1 milhão de cópias.

Em reconhecimento por sua obra, recebeu inúmeros prêmios, dentre eles o Prêmio Jabuti e o Prêmio João de Barro. Também foi condecorada com a Comenda da Ordem do Ministério da Cultura, em 1998, pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso.

A autodeclarada influência de Monteiro Lobato na obra da autora aparece no humor, um aspecto recorrente em sua obra, que frequentemente assume foros de sátira social, seja problematizando a questão política do país, seja descortinando comportamentos sociais retrógrados (principalmente no que se refere à figura da mulher) como, por exemplo, **Procurando Firme**.

Suas atitudes críticas a favor da liberdade de expressão persistem no período conturbado da Ditadura Militar. Ela utilizava metáforas para demonstrar sua indignação em relação ao que acontecia, e muitas obras dela transmitiram esse anseio de liberdade como **O reizinho mandão** e **O rei que não sabia de nada**. Essa era a forma que Ruth encontrou para expor suas opiniões, os livros infantis foram seus “transmissores” para levar sua mensagem.

Consciente de que a criança pode desde cedo ser orientada a entender as diversas situações ao seu redor, estimulada pela curiosidade que lhe é inerente, Ruth Rocha traduz a perspicácia na articulação de temas sociais e políticos com o humor através de uma proximidade com o público assim como Silva (2008, p.184) descreveu "um clima de cumplicidade entre narrador e ouvinte." como poderá ser observada no decorrer da análise da obra *Uma história de rabos presos*.

3. Fundamentação Teórica

3.1 . Breve percurso histórico da Literatura Infantil Brasileira

O surgimento e o conceito da Literatura Infantil norteiam a crítica que se faz em torno dessa literatura. Assim, questões como a ligação entre as obras e certo teor pedagógico ou a intenção lúdica das obras são colocadas ora como valores literários, ora como desqualificadores desse objeto híbrido que é a literatura infantil.

A Literatura Infantil antes de ser considerada "divertida" é também considerada arte pedagógica, pois sua leitura não se restringe apenas às figuras contidas no livro, mas consiste na imaginação da criança através das leituras, criando uma criticidade que pode vir a ser despertada com a manifestação e exposições de suas ideias em referência a obra estudada ou lida como lazer.

De acordo com Novaes Coelho (1993) "Em essência, sua (da literatura infanto-juvenil) natureza é a mesma que se destina aos adultos. As diferenças que a singularizam são determinadas pela natureza do seu leitor/receptor: a criança." (NOVAES COELHO, 1993, p.26), que está em fase de formação de sua subjetividade e de seu caráter e tal peculiaridade desse público deve ser levada em conta na produção voltada a ele. Decorre daí o caráter exemplar da literatura infanto-juvenil.

As obras infantis até o início do século XX traziam uma visão individualista, coberta de preconceitos não só raciais como morais, ou seja, predominava o aspecto moralizante nas obras destinadas às crianças; o aspecto lúdico que visa também envolvê-las na leitura ao representar o universo infantil é abafado pela preocupação pedagógica de transmitir os valores vigentes da época. Saliento as palavras de Gregorin Filho (2009) a respeito desse momento na Literatura Infanto-Juvenil Brasileira:

> Momento anterior a Monteiro Lobato: responsável por veicular valores como o individualismo, a obediência absoluta aos pais e às autoridades, a hierarquia tradicional de classes, a moral dogmática ligada a concepções de cunho religioso, vários tipos de preconceitos, como o racismo, uma linguagem literária que visa a imitar padrões europeus. Desse modo, a literatura para as crianças se torna um mero instrumento pedagógico, elaborada para uma criança vista como um adulto em miniatura (GREGORIN FILHO, 2009, p.31).

É importante observar esses momentos da Literatura Infantil Brasileira, a fim de que se tenha a dimensão dos avanços presentes na escola e na formação social da criança, acompanhando assim a mudança na concepção do seu papel e do seu lugar na sociedade. Ela, a criança, é vista hoje, depois da era lobatiana, como um sujeito que está construindo a capacidade de pôr em prática seu senso crítico, por isso, segundo Gregorin Filho (2009) o momento atual, pós-Lobato é um:

> Momento em que a literatura para crianças e jovens mostra uma individualidade consciente, obediência consciente, mundo como antigas hierarquias em desagregação, moral flexível, luta contra os preconceitos, linguagem literária que busca a invenção e o aspecto lúdico da linguagem, ou seja, uma literatura que mostra um mundo em construção para uma criança que passa a ser vista como um ser em formação. (GREGORIN FILHO, 2009, pp. 31-32)

Com essas mudanças, a Literatura Infantil Brasileira, trouxe novas visões para uma possível transformação na sociedade. Lobato rompeu o tradicionalismo que não permitia à criança-voz diante do que ela pensava ou acreditava. Novaes Coelho corrobora que:

> A Monteiro Lobato coube a fortuna de ser, na área da Literatura Infantil e Juvenil, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje [...] Rompe, pela raiz, com as convenções estereotipadas e abre as portas para as novas ideias e formas que o século exigia.(2010, p. 247)

A Literatura Infantil traz com essa inovação um artifício importantíssimo, o humor, característica que desperta o interesse da criança pela leitura, instigando-a desta forma a contestar a moral da efabulação ou simplesmente transformar sua visão de mundo a partir dessa conexão entre a narrativa e a sociedade.

Em *Uma história de rabos presos* de Ruth Rocha, esse aspecto é bastante visível não só para a criança, que começa a ligar o real e o imaginário com o seu cotidiano, como também para o adulto que pode perceber que a criança deve ser colocada a par de muitas situações que acontecem na sociedade, como por exemplo, a crítica social e política apresentada através do humor que será o foco principal deste trabalho.

3.2 Humor, literatura e sociedade

A Literatura Infantil, segundo alguns teóricos, é um instrumento moral e intelectual que proporciona valores à criança, ajudando-a a posicionar-se em relação às diversas situações que a circundam. Logo, a Literatura Infantil pode influenciar a criança não só dizendo o que é certo ou o que é errado de maneira simples, mas, também na parte lúdica, através do riso, do humor que surge dos problemas que geralmente ocorrem na sociedade.

> A literatura infantil ocupa um lugar específico no âmbito do gênero ficção, pois se destina a um leitor especial, em formação, passando pelo processo de aprendizagem inicial da vida. Daí o **caráter pedagógico** (conscientizador) que, de maneira latente ou patente, é inerente à sua matéria. E também, ou acima de tudo, a necessidade de ênfase em seu **caráter lúdico**... Aquilo que não divertir, emocionar ou interessar ao pequeno leitor, não poderá também transmitir-lhe nenhuma experiência duradoura ou fecunda. (NOVAES COELHO, 1993, p.145)

Um dos instrumentos de articulação entre o pedagógico e o lúdico é a sátira social que trata de assuntos sérios com humor. Na Idade Média, em Portugal, o teatro de Gil Vicente é exemplo de como a sátira social atua com intenção moralizante.

Muitas obras trazem conteúdo que não só diverte, mas também influenciam na formação do pensamento crítico, ou seja, por meio da sátira, dos comportamentos ou das situações que se pretendem modificar, a obra diverte e edifica. Na Literatura Infantil, isso é muito recorrente, pois o humor está também associado ao lúdico.

A obra literária, muitas vezes, volta-se para a sociedade com a finalidade de criticá-la e essa crítica pode se fazer através do humor. Segundo, Roberto Elísio dos Santos e Regina Rossetti (2012, p.34), “pode-se defini-lo [o humor], como uma narrativa que, determinada por condições sociais, culturais e históricas, gera um efeito em seu receptor, o riso.”

Contudo, a palavra humor, associada ao riso provocado pela arte, data do século XVIII. Na Grécia Clássica, a palavra humor esteve ligada à medicina e significava “líquidos corporais”, cujo desiquilíbrio poderia “causar a loucura, que leva ao riso de demência”. Ainda no campo da medicina, o riso foi associado à fisiologia humana, para identificar-lhe as causas e efeitos. (SANTOS; ROSSETTI, 2012, p. 20).

Nos séculos XIX e XX, muitos teóricos se ocuparam da compreensão do humor, do cômico e do riso.

Segundo o Dicionário Aurélio (2010) “o cômico é o que provoca o riso” (FERREIRA-HOLANDA, 2010, p. 179). Mas além dessa ideia de cômico, é possível avançar mais nesse conceito ou resgatar definições do cômico através da filosofia.

Segundo Abbagnano (2007), alguns filósofos citam o cômico como “algo feio”. “A definição mais antiga do C. [cômico] é de Aristóteles, que o considerou “algo enganado e feio, que não causa dor, nem dano.” (ABBAGNANO, 2007, p.179). O riso, para Aristóteles, nesse sentido, seria a expressão do desprezo pelo feio, pelo vício, isto é, a manifestação do repúdio para o que é desprezível e abominável na sociedade.

Abbagnano (2007) ainda cita Kant, que coloca o cômico não apenas como algo engraçado, mas, que denota algo ridículo de um modo geral.

> Kant reduziu o C. à tensão e, portanto, à sua solução inesperada: “Em tudo o que é capaz de provocar uma explosão de risos, deve haver algo de absurdo (em que, portanto, o intelecto por si mesmo não pode achar nenhum prazer). O riso é uma afecção derivada de uma espera tensa, que de repente, se resolve em nada. É precisamente essa resolução, que por certo nada tem de jubiloso para o intelecto, que alegra indiretamente, por um instante e com muita vivacidade”. (*apud* ABBAGNANO, 2007, p.179).

Ao fazer um apanhado das teorias do humor e do riso, Roberto Elísio dos Santos e Regina Rossetti (2012), citam Henri Bergson, (para quem o riso é um gesto social), que identifica os artifícios usuais na comédia: “[...] a repetição periódica de uma palavra ou de uma cena, a intervenção simétrica dos papéis, o desenvolvimento geométrico dos quiproquós” utilizados pelo escritor de comédias para apresentar “uma articulação visivelmente mecânica de acontecimentos humanos, conservando-lhes o aspecto exterior de verossimilhança” (apud SANTOS; ROSSETTI, 2012, pp. 25-26).

Nas obras infantis, para além do riso fácil, lúdico, que se liga ao absurdo, é possível também observar o riso associado à sátira. Assim, ao definir cômico e o riso que se estabelecem nas obras infantis, é fundamental e necessário compreender o sentido da sátira, pois esta é o que vai estabelecer o interesse do leitor ou da criança pelo conteúdo da obra.

É através da sátira que o autor vai expor sua intenção de prender o leitor, ou melhor, o ponto fundamental que chama a atenção para a ideia proposta, no caso, a crítica social associada ao humor que Ruth Rocha coloca através de *Uma história de rabos presos.*

Vale ressaltar as palavras de Massaud Moisés, que define sátira como:

> Modalidade literária ou tom narrativo, consiste na crítica das instituições ou pessoas, na censura dos males da sociedade ou dos indivíduos [...] o problema central da sátira é a sua relação com a realidade. A sátira deseja expor, criticar e desvalorizar a vida humana, mas finge contar toda a verdade e nada mais que a verdade. (2004, p.412).

A partir dessas definições do cômico, do riso e da sátira, podemos perceber que frequentemente essas características estão ligadas a aspectos da realidade humana, quando a obra se volta aos comportamentos e/ou à realidade político-social. Assim, "a mensagem que gera o riso pode carregar uma observação cáustica a atitudes individuais ou coletivas, ou seria uma forma de contestação ou de crítica aos poderosos." (SANTOS; ROSSETTI, 2012, p.36).

As obras literárias que fazem uso de elementos humorísticos contribuem não só para o processo cognitivo da criança como também estabelecem uma relação entre ela e a sociedade. Ou seja, a criança desperta o olhar crítico para situar-se nas decisões divergentes em sua vida.

> [...] Assim, ao se confrontar com um texto literário que se caracteriza pela presença do elemento humorístico, a criança teria diante de si, primeiramente, uma proposta de conjunção do imaginário com o real; por meio do humor e do distanciamento por ele disponibilizado, estabeleceria a mediação necessária nessa relação e; finalmente, procederia à disjunção desse imaginário-real, o que pode levá-la "a mundos de mais alto esforço mental e sensitivo, acrescentando novos aspectos de um conhecimento". (ALBINO, 2007, p. 04).

Dessa forma, a partir dos conceitos apresentados, far-se-á a análise da obra *Uma história de rabos presos*, demonstrando como os elementos literários se entrelaçam na construção da sátira social, onde aflora o humor.

4. "Uma história de rabos presos": desfazendo os nós

Uma história de rabos presos de Ruth Rocha é uma narrativa crítica que apresenta denúncia social de corrupção ativa e passiva que envolve políticos e ocorre em uma cidade fictícia (Egolândia), e menciona alegoricamente os escândalos ocorridos em nosso país.

Embora escrito há mais de duas décadas, o tema apresentado continua bastante atual e cada vez mais presente no cenário nacional. Assim, desfilam no passeio público da

cidadezinha de Egolândia, as personagens “Lauro”, “Neuza”, “Irineu”, “Tadeu”, "Egomeu”, “Romeu”, “Eurico”, “Filisteu”, “Euler”, “Eulália”, “Euclides” “dona Felicidade”, “Salvador”, “dona Naná” e o próprio narrador que não diz seu nome.

Segundo Gancho (1997) “O personagem é um ser fictício [...] por mais real que pareça, o personagem é sempre invenção.” (GANCHO 1997, p.14). Na narrativa, os personagens principais são planos e por condensar em si uma gama de valores éticos, podem ser classificados como tipos. Esses personagens têm um papel importante na narrativa porque estruturam os questionamentos do narrador/criança, estabelecendo uma conexão entre a realidade e as dúvidas desse narrador.

Ou seja, é uma forma de representar a politicagem de forma simples e cômica na narrativa remetendo ao cotidiano da criança que se caracteriza pela constante brincadeira com as palavras que na obra aparecem nas personagens: todos os corruptos apresentam a palavra “eu” e “meu” no nome (Filist**eu**, **Eu**rico, Ro**meu**, Tad**eu**, Ego**meu, Eu**ler**, Eu**lália, **Eu**clides, N**eu**za, Irin**eu**).

O início da efabulação se dá com a apresentação do espaço: “Naquele tempo eu morava num lugar pequeno, que ficava pra lá do fiofó do mundo e que se chamava não sei por que Egolândia” (ROCHA, 2003 p. 1[4]).

A irreverência do uso da linguagem popular é uma característica recorrente nessa obra como o próprio título indica. As expressões “naquele tempo”, “pra lá do fiofó do mundo”, sugerem um distanciamento da realidade, equivalente ao “era uma vez” das histórias tradicionais, esse distanciamento é corroborado pelo nome da cidadezinha “Egolândia” que não existe de fato. Além disso, a linguagem é coerente com a figura do narrador.

O narrador, também personagem, é uma criança que observa o cenário político da cidade e descobre o significado da expressão “rabo preso” através de Lauro, um estudante de Medicina que havia ido passar as férias em Egolândia.

> – Ora - disse Lauro – rabo preso é quando uma pessoa fez uma coisa mal feita e a outra pessoa sabe. Quer um exemplo? Você um dia, na escola, vê um colega seu roubar a caneta de seu amigo. Você fica com o rabo preso. No dia que ele

[4] A edição utilizada nessa análise não apresenta numeração de páginas. Para efeito de situar o leitor do artigo, consideramos como página 1 a página na qual se inicia o texto e, assim, procedemos à contagem sucessivamente.

> ameaçar de contar que você colou na prova, você ameaça ele de contar que ele roubou a caneta, quer dizer, você puxa ele pelo rabo... aí nunca mais ele pode fazer nada contra você.[...] (ROCHA, 2003, p.3).

Ao descobrir o significado da expressão "rabo-preso" o narrador tece comentários sobre sua imaginação a respeito da expressão.

> Eu ficava imaginando que rabo preso era quando a gente pegava dois cachorros e amarrava um no rabo do outro. Ou então, se a gente pegasse um cavalo e tascasse um laçarote de fita no rabo dele, que nem umas meninas que usavam laçarote de fita no rabo de cavalos lá delas. (ROCHA, 2003, p. 2).

Lauro explica que grande parte das autoridades e pessoas influentes da cidade tinham rabos presos uns com os outros, então, a criança revela toda sua capacidade de indignação e deseja que Deus castigue aquelas pessoas corruptas "tomara que Deus existisse e desse um castigo bem grande nessa cambada de ladrões" (ROCHA, 2003, p.7) e misteriosamente, começam a crescer rabos naqueles cidadãos suspeitos.

O termo "rabo preso", presente na história, mostra a natureza do pensamento infantil que, nesta fase do desenvolvimento, está muito ligado ao conhecimento concreto intuitivo da realidade. O imaginário torna-se realidade ou é visto de maneira concreta pela criança.

Entre várias complicações presentes na obra, a principal delas se dá quando os rabos começam a se amarrarem uns aos outros, nas pessoas que tinham algo encoberto, logo todos os rabos dessas pessoas ficam embaraçados na praça da cidade. Então chega o governador com sua comitiva e acontece algo mais impressionante ainda: os rabos locais começam a se enroscar no governador e em seus acompanhantes.

> O rabo de quase todas as autoridades, pessoas ricas e importantes, vereadores, secretários da prefeitura, foram todos grudando no governador, nos secretários do governo estadual, nos cupinchas todos do governador. (ROCHA, 2003, p. 14)

A figura do narrador-criança coaduna-se com as diversas indagações, uma vez que é próprio da criança a atitude curiosa diante da realidade e os inúmeros questionamentos. É possível notar o interesse da criança em saber a verdade sobre os políticos de sua cidade. As perguntas são recorrentes na narrativa "- E por que é que você, no outro dia, disse que todo mundo nesta cidade tem o rabo preso? – Mas de onde é que eles tiram esse dinheiro todo?" (ROCHA, 2003, p. 3).

Durante a leitura o leitor/criança se depara, sem perceber, com a capacidade de comparar fatos da narrativa com a realidade e desenvolve, juntamente com o narrador, a percepção crítica de questões sociais. Há a identificação do leitor com a voz que nos conta a história.

A sequência narrativa acompanha o ritmo do surgimento dos rabos até que um aglomerado se forma na cidade, aos poucos vai aumentando o tamanho dessa aglomeração de pessoas com os rabos presos umas às outras.

> E foram se formando bolos cada vez maiores de pessoas e esses bolos foram grudando uns nos outros até que uma noite, numa das últimas campanhas eleitorais, quando uma porção de gente se juntou na praça pra ouvir os candidatos, a gente reparou que no palanque não tinha ninguém que não estivesse grudado. (ROCHA, 2003, p. 18)

É importante perceber que a pessoas que estavam de fora, os que não tinham rabos tentavam ajudar, porém sem sucesso, eles não queriam ser ajudados. No entanto, é possível entrever outra denúncia nessa passagem: “eles não queriam nem saber da gente” (ROCHA, 2003, p.20) aponta também para o descaso com o povo.

A tensão na narrativa aumenta conforme aumenta o “bolo de gente”. O problema maior que se apresenta era o que fazer com aquele “bolo” de gente grudada pelos rabos e que cada vez mais iam aumentando. Daí surge a ideia de fazer uma reunião que "também não foi nenhum modelo de organização [...] teve um que queria cobrir o bolo com uma lona bem grande que fingisse que era um circo, mas isso, na verdade, não resolvia nada.” (ROCHA, 2003, pp.25-26)

A reunião corresponde ao clímax da narrativa, as muitas opiniões vão adensando o clima:

> [...] alguém de mais juízo lembrou que a primeira providência era tirar aquele bolo da praça [...] Mas ninguém sabia onde botar aquele estrupício. Dona Maria lembrou da escola: - E se a gente empurrasse essa gente toda e botasse na escola?
> - E o hospital? – lembrou seu Salvador.
> - o hospital, além de ser pequeno – lembrou o Lauro – é muito importante. E se alguém ficar doente? Que por pior que seja o hospital seja, ele é muito necessário!
> - E o campo de futebol? – lembrou alguém.
> Mas todo mundo discordou, que afinal futebol era a única distração do povo de Egolândia. (ROCHA, 2003, pp. 26-27)

Até que D. Felicidade, personagem primordial para o desfecho da história, opina:

> – Já sei – gritou dona Felicidade, tem aquele prédio enorme que o prefeito Egomeu começou a construir hás uns dez anos perto da Lagoa Torta e nunca acabou. (ROCHA, 2003, p.27).

Ela, finalmente sugere uma ideia que é aprovada por todos e assim decidem colocar o "bolo de rabudos" dentro do tal prédio, que ao ter suas portas trancadas, revelou-se uma cadeia para seu próprio construtor e a vida dos cidadãos voltou ao normal e a cidade até mudou de nome.

4.1 - Crítica através do Humor: manifestação da verdade

Como já dissemos, o humor presente na obra é decorrente de seu caráter satírico. A situação social satirizada é a corrupção denunciada em passagens como:

> Eles só deixam passar uma lei quando dá pra ganhar mais dinheiro... as coisas pequenas, como mudar o vidro das janelas das escolas, que estão quebrados há uns dois anos, isso não interessa que é pouco dinheiro. (ROCHA, 2003, p.6).

> [...] ele era vereador desta *titica* de cidade. Como é que ele pôde gastar o tanto que gastou na campanha? Só de camiseta ele distribuiu umas duas mil. (ROCHA, 2003, p.4 grifo nosso).

Nas citações acima, o narrador-criança expõe como eram feitas as trocas de votos e o favorecimento pessoal, fazendo uso da administração pública, como prática comum na cidade de Egolândia.

A narrativa é atravessada por termos populares, ditados como "rabos presos", "titica", "cara de besta", "rapapé", "mesuras", "maçaroca", "zoeira", "estrupício", "barafunda", "mixórdia" e "fiofó" todos inseridos na descrição da situação política de Egolândia. A inusitada utilização desses termos também provoca o riso.

O humor constitui-se pelo uso da linguagem que envolve todos os fatos narrados. Podem ser destacados os jogos de palavras que remetem à crítica do individualismo. Na obra em análise estão explícitas tanto no nome das pessoas quanto no próprio nome da cidade, "Egolândia" referências ao individualismo.

Ao decompormos alguns nomes que aparecem no livro, teremos: Egomeu: *ego = (posse) eu + meu*, político corrupto que tinha o "rabo preso" com praticamente todos da cidade; Egolândia – refere-se também ao egocentrismo e egoísmo = Ego: eu + lândia (terra

do eu). Todas essas analogias representam pessoas egoístas que imperavam como donos da cidade e da vida das pessoas, ou seja, o individualismo era a lei.

Essa leitura se confirma no desfecho da trama, quando, com a prisão do prefeito, é mudado também o nome dessa cidade. O nome da personagem que soluciona o problema também é muito significativo: dona Felicidade, uma notável ironia à solução do problema dos "rabos presos".

Dona Felicidade é quem sugere levar todo aquele povo para o prédio enorme, coincidentemente construído durante o mandato do prefeito, porém inacabado, a futura cadeia de Egolândia. Ou seja, a felicidade só se manifestou depois que o povo assumiu o compromisso de combater os rabos presos, sugerindo o futuro próximo para a cidade.

Além da ironia, a principal questão presente na obra é representação do humor satírico "O gozado é que os rabos nasciam de preferência nos ricos, ao contrário das outras doenças, que quase sempre dão em gente pobre. Os rabos eram democráticos". (ROCHA, 2003, p.10).

A ingenuidade da criança é exposta quando esta imagina outro sentido para o termo "rabos presos" e/ou imagina o sentido literal popular. Também representa a inocência diante de um problema que abrange não só os adultos, mas, também de alguma forma, a própria criança:

> Eu ficava imaginando que rabo preso era quando a gente pegava dois cachorros e amarrava um no rabo do outro. Ou então, se a gente pegasse um cavalo e tascasse um laçarote de fita no rabo dele, que nem umas meninas que usavam laçarote de fita no rabo de cavalos lá delas. [...].
> Eu ficava imaginando se eles teriam o rabo enrolado, por baixo das roupas, mas achava que isso era um disparate (ROCHA, 2003, p. 2).

Percebemos nesse excerto o processo de significação da expressão "rabos presos" que como já dissemos antes, a criança perfaz ao se deparar com o elemento humorístico daí ocorre a conjunção entre o imaginário e a realidade e o inusitado da situação gera o humor que atua na mediação entre a situação social e a mentalidade infantil.

Outros aspectos concorrem para o riso na obra. A inversão de papéis: (o sério e poderoso torna-se ridículo, o pequeno e inocente torna-se grande e sabido), aparece no momento em que os rabos passam a existir nas pessoas importantes e não mais apenas na imaginação do narrador/criança. "Numa porção de gente de Egolândia estava nascendo rabo. RABO? Pois é. Rabo!" (ROCHA, 2003, p.10); e também no momento que o povo

(minoria social, vítima da corrupção) toma a decisão de resolver o problema e restituir o ritmo do cotidiano. Isso remete ao conceito de carnavalização que, demonstra alguns aspectos como:

> ruptura da rotina cotidiana, pela inversão fantástica do relacionamento social e natural com imagens construídas pela interação de polos opostos da estrutura (pobres/ricos, moços/velhos, pessoas/animais) [...] descontração e alegria, "certo ar de graça" no relato das ações de massa (cenas de rua) inseridas na narrativa. (BAKHTIN in PIRES, 1989, pp. 86 – 87).

É o que acontece em *Uma história de rabos presos*, surgem rabos em políticos e grudados neles estão não só seus conterrâneos, mas também algumas pessoas da classe inferior que para conseguir algo melhor aceitam favores corruptos oferecidos pelos políticos "... Tadeu, que era tão pobrezinho, depois que foi ser secretário de obras já tem Perua, Ford, já tem casa no Macioto, já tem sítio na Lagoa Torta, tá enricando depressa..." (ROCHA, 2003, p.6).

Outra ocorrência que causa o riso é a dissimulação do espaço da narrativa. Embora o lugar seja a cidade fictícia de Egolândia, o narrador-criança faz referência a um lugar distante onde o abuso de poder e o egocentrismo predominavam sem intervenções "Naquele tempo eu morava num lugar pequeno, que ficava pra lá do fiofó do mundo e que se chamava não sei por que Egolândia. E já naquele tempo eu ouvia falar numa história de rabo preso, que eu não tinha a menor ideia do que fosse." (ROCHA, 2003, p.1).

Na citação acima podemos perceber que não há qualquer indicação que identifica a cidade de Egolândia com um lugar real, característica de obras da que seguem a linha do maravilhoso satírico e ocorrem em lugar indeterminado (NOVAES COELHO, 1993, pp. 141-142). Contudo, essa falta de precisão geográfica, aos poucos remete ao Brasil em expressões e situações como:

> (...) porque eles falavam que nem matraca, o tempo todo, e era uma algazarra, uma zoeira, uma balbúrdia, um tumulto, que teve gente que disse que aquilo é que era um verdadeiro brado retumbante. (ROCHA, 2003, pp. 24-25)
>
> – E o campo de futebol? – lembrou alguém.
> Mas todo mundo discordou, que afinal futebol era a única distração do povo de Egolândia. (ROCHA, 2003, p. 27)

Nas citações acima aparecem referências ao Hino Nacional Brasileiro e ao esporte considerado uma "paixão nacional". Esse recurso de ocultar o verdadeiro lugar onde ocorrem os fatos satirizados é comum ao gênero satírico.

Dessa forma o humor é encontrado em toda a efabulação. Através do humor, fatos reais são colocados em uma cidade imaginária, mas que remete à sociedade atual e o grande interventor dessa narrativa é uma criança que, apesar da aparente ingenuidade, sua narrativa cômica apresenta notoriamente um grande pensamento, e a sua maneira de interpretação a respeito do termo “rabo preso” é o que vai estabelecer o vínculo entre o realismo e a fantasia presente na obra dando originalidade e criticidade à narrativa.

5. Considerações Finais

Este estudo teve o propósito de analisar e demonstrar como a autora Ruth Rocha utiliza o humor satírico na estruturação da obra *Uma história de rabos presos*. A sátira nesta obra atuou na associação do aspecto pedagógico e lúdico que contribuem significativamente para a formação da criança desde o primeiro contato com o livro infantil.

Durante a análise, pôde-se perceber que o humor e a crítica social são mecanismos usados pela autora a fim de transmitir a ideia de como alguns políticos regem a sociedade. A partir daí, a criança pode conciliar a interpretação de sua leitura com sua visão de mundo, estabelecendo suas opiniões e críticas a cerca do assunto.

Percebemos que o humor resulta das escolhas linguísticas, da ironia fina na caracterização do espaço e da graça explícita que Ruth Rocha articula com muita autenticidade na obra. São aspectos que corroboram para o desenvolvimento do olhar crítico sobre os problemas relacionados à política e também como estes podem ser solucionados.

A figura da criança que observa a situação representada também é uma escolha que resulta no humor, já que ela parece, às vezes, não perceber o que se passa. A identificação do leitor com o narrador o coloca na mesma situação de ingenuidade.

Assim, o comportamento do narrador, se por um lado é paradigma para o leitor, por outro atua diretamente na criação do efeito de humor, pois é o olhar inocente da criança que desvenda as mazelas da sociedade.

Contudo, atentos ao caráter interventor da obra satírica, além da denúncia, pudemos perceber alguns valores veiculados que caracterizam as obras infantis contemporâneas. A obra analisada apresentou as ideias de coletividade e bom-senso ao leitor como sugestão de possíveis soluções dos problemas sociais.

Essa literatura proporciona à criança a esperança de uma sociedade melhor. Textos dessa natureza são importantes na formação do leitor infantil/adulto, pois mostram que a literatura é espontânea e que ela não obriga e aliena as pessoas, e sim colabora para a compreensão dos fatos ocorridos na sociedade a qual está inserida. A narrativa da obra *Uma história de rabos presos* é lúdica de caráter pedagógico.

6. Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**; tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi; revisão da tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALBINO, Lia C. D. **A Função Desempenhada Pelo Humor Na Literatura Infanto-Juvenil.** Disponível em <hpp// alb.com. br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/.../sm08ss13_06.pdf. Campinas: 2007.> Acesso em 21/09/2012 às 12h00min.

BIOGRAFIA DE RUTH ROCHA. Disponível em: <http://www.e-biografias.net/ruth_rocha/> Acesso em 30/0402012 às 16h:30min.

FERREIRA-HOLANDA, A.B. de. **Mini Aurélio:** o dicionário da língua portuguesa/coordenação de edição Marina Baird Ferreira. 8 ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GREGORIN Filho, José Nicolau. **Literatura infantil:** múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1997.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

NOVAES COELHO, Nelly. **Literatura infantil:** teoria, analise, didática. 6. ed. Rio. São Paulo: Ática, 1993.

_____. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil:** das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo**.** Barueri, SP: Manole, 2010.

PIRES Orlando**. Manual de teoria e técnica literária.** 3. ed. Rio de Janeiro: Presença 1989, p. 83 a 97.

ROCHA, Ruth. **Uma história de rabos presos**; ilustrações de Carlos Brito. 2. ed. São Paulo: Salamandra, 2003.

ROSSETI, Regina; SANTOS, Elísio Roberto dos. **Humor e riso na cultura midiática:** variações e permanências. São Paulo: Paulinas, 2012.

SILVA. Vera Maria T. “Criticando com humor”. In: **Literatura Infantil Brasileira:** um guia para professores e promotores de leitura. Goiânia: Cânone Editorial, 2008, p. 183-200.